

**POEMAS DE ROBERT FROST**  
Traduzidos por Dirlen Loyolla

221

*STOPPING BY WOODS  
ON A SNOWY EVENING*

(Robert Frost)

Whose woods these are I think I know.  
His house is in the village, though;  
He will not see me stopping here  
To watch his woods fill up with snow.  
My little horse must think it queer  
To stop without a farmhouse near  
Between the woods and frozen lake  
The darkest evening of the year.  
He gives his harness bells a shake  
To ask if there is some mistake.  
The only other sound's the sweep  
Of easy wind and downy flake.  
The woods are lovely, dark and deep,  
But I have promises to keep,  
And miles to go before I sleep,  
And miles to go before I sleep.

*PUTTING IN THE SEED*

(Robert Frost)

You come to fetch me from my work to-night  
When supper's on the table, and we'll see  
If I can leave off burying the white  
Soft petals fallen from the apple tree  
(Soft petals, yes, but not so barren quite,  
Mingled with these, smooth bean and wrinkled pea);  
And go along with you ere you lose sight  
Of what you came for and become like me,  
Slave to a Springtime passion for the earth.  
How Love burns through the Putting in the Seed  
On through the watching for that early birth  
When, just as the soil tarnishes with weed,  
The sturdy seedling with arched body comes  
Shouldering its way and shedding the earth crumbs.

*FIRE AND ICE*

(Robert Frost)

Some say the world will end in fire,  
Some say in ice.  
From what I've tasted of desire  
I hold with those who favor fire.  
But if it had to perish twice,  
I think I know enough of hate  
To say that for destruction ice  
Is also great  
And would suffice.

*À BEIRA DA MATA  
NUMA NOITE DE NEVE*

(Tradução de Dirlen Loyolla)

Sei quem é o dono dessa mata, por certo  
Mora na cidade e não aqui por perto;  
Não terá então como me ver neste lugar  
A olhar seu bosque totalmente coberto.  
O meu cavalo começa a estranhar  
Assim, parado, no meio do mato ficar  
Entre as árvores nevadas e o lago gelado  
Na noite mais densa do ano a findar.  
Ele chacoalha os sinos dos arreios, agitado  
Como se a mim perguntasse se há algo errado.  
O outro único som que conseguimos ouvir  
É o dos flocos caindo e do vento soprado.  
O bosque é imenso, adorável, treva a sorrir.  
Mas ainda tenho promessas a cumprir,  
E muito chão para correr antes de dormir,  
E muito chão para correr antes de dormir.

*SEMEANDO*

(Tradução de Dirlen Loyolla)

Vens me tirar de meu noturno ofício  
À hora certa do jantar; mas, verás,  
Não poderás impedir-me o vício  
De enterrar, da macieira, as pétalas  
(simples pétalas, sim, mas não sozinhas,  
misturadas que estão ao feijão e ao milho)  
E te fazer esquecer o que te traz  
Aqui e te tornar, assim, tão isso,  
Similar a mim, amante da terra.  
Sim, o Amor está no semear e nisso  
De esperar e ver brotar aquelas  
Que vão manchar, daninhas, o solo difícil  
Da arqueada e forte muda, pequena dona  
De ombros que empurram as coisas da terra.

*FOGO E GELO*

(Tradução de Dirlen Loyolla)

Uns dizem que o mundo em fogo termina,  
Outros, que em gelo se apaga.  
E eu já provei de desejo, que é sina  
Por isso repito que em fogo termina.  
Mas se mais uma vez nosso mundo se estraga,  
Só sei que na vida provei tanto ódio voraz  
Que posso dizer que, se em gelo se apaga,  
Tanto fez como tanto faz,  
Posto que tudo se acaba.